

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VIII

ABRIL DE 1903

N.º 4

Antiguidades do concelho de Miranda do Douro

I

Estação archeologica do Raio

Nos arredores da cidade de Miranda do Douro, no sitio do Raio, ha um morro alcandorado sobre o rio Douro, de um lado, e sobre o rio Fresno, do outro: defendido por natureza, em virtude da sua posição, e muito escarpado.

Constando-me, quando estive em Miranda do Douro em 1902, que por ahi, ao proceder-se a trabalhos agricolas, appareciam várias antigualhas, como cacos, machados de pedra e outras, resolvi ir lá, e effectivamente fui em 27 de Setembro de 1902. Deu-me a honra da sua companhia o meu prezado amigo Rev.^{do} José Bernardo de Moraes Calado, conego-prior da sé de Miranda.

Ambos nós percorremos o morro em varios sentidos, e encontrámos numerosos fragmentos de louça, da mesma que costuma apparecer nos castros e nas antas. Um dos fragmentos tem ornamentação muito simples, constituída por sulcos paralelos, como se vê na fig. 1.^a (tamanho natural). Estes fragmentos são informes, mas denotam terem pertencido a vasilhas de differente espessura e dimensões.

Fallando depois com o dono da propriedade, elle cedeu-me os seguintes objectos encontrados no morro: um pequeno machado de pedra, polido, com a extremidade opposta ao gume já fallhada, e este já rombo, como se vê na fig. 2.^a ($\frac{1}{2}$ do tamanho natural); metade de outro machado, tambem de pedra, com o gume ainda apurado, como se vê na fig. 3.^a ($\frac{1}{2}$ do tamanho natural); uma conta (cossoiro grosseiro?) de barro avermelhado (fig. 4.^a, em tamanho natural); uma linda ponta de setta triangular de silex preto, serrilhada nos dois lados maiores, e com tres espigões na base (fig. 5.^a, em tamanho natural).

Por estes caracteres pôde dizer-se que o morro do Raio foi estação neolítica, talvez mesmo castro, embora eu não visse ahí muralhas, nem vestígios d'ellas; podia porém tudo isso ter sido destruído em virtude dos trabalhos campestres, porque o terreno é de sementeira. Mais para o Norte existem estações da mesma natureza, que também bordam



Fig. 1.ª — Do Raio



Fig. 2.ª — Do Raio



Fig. 3.ª — Do Raio



Fig. 4.ª — Do Raio



Fig. 5.ª — Do Raio

o Douro; como nessas estações os restos de fortificações são manifestos, é por isso que eu digo que talvez o morro do Raio fosse também primitivamente *oppidum*. Em todo o caso temos aqui o mais antigo documento histórico da cidade de Miranda, que fica muito perto.

II

Estação archeologica do Castrilhouço

O Castrilhouço é um cabeço sobranceiro ao Douro, ao pé de Val de Aguiã, freguesia e concelho de Miranda do Douro. Estive lá em 2 de Outubro de 1902, em companhia de varios amigos¹.

¹ Os Srs. Dr. Francisco Maria Guerra, advogado em Miranda, Lino Francisco Dias Poças e Manoel Antonio Fernandes, estudantes do seminário de Bragança, e José Agostinho Geraldês Macedo, pharmaceutico.

Este cabeço é fechado, ao Poente, por um parapeito artificial de terra, de 3 a 4 metros de altura, e de 4 a 5 de largura,—parapeito que tem por cima, em toda a extensão, muitas pedras caídas, que

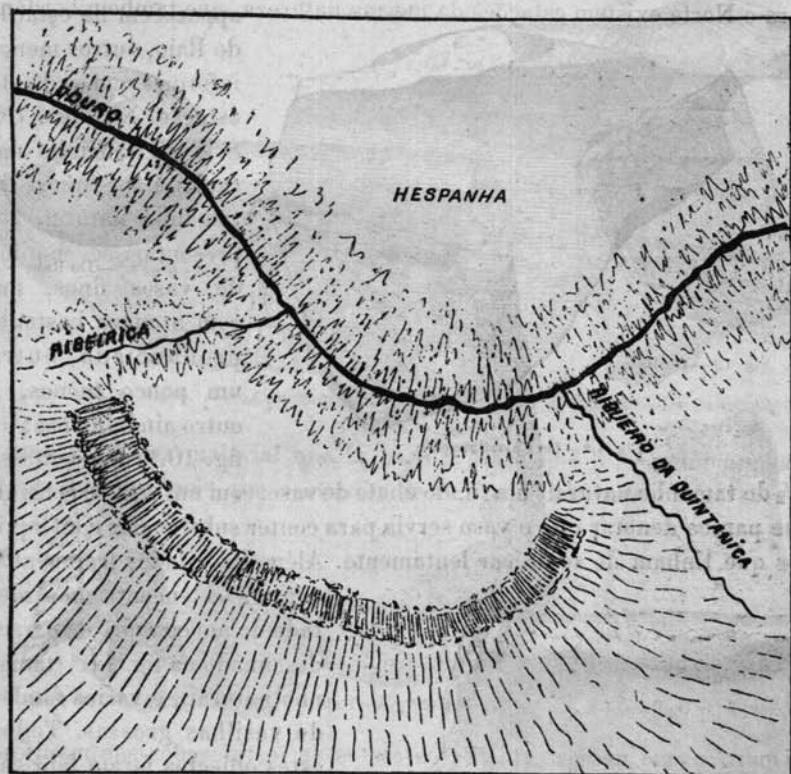


Fig. 6.ª — Eschema do Castrilhouço

de certo pertenceram a paredes. Ao Norte o parapeito ou atêrro péga com a escarpa natural, que chega até o fundo de um valle em que passa a Ribeirica. Ao Sul o atêrro entesta com a escarpa que vae até o fundo de outro valle, onde corre o Rigueiro de la Quintanica¹. Pelo Nascente ficam altas escarpas sobre o rio Douro, que ali estabelece um limite entre Portugal e Hespanha. De modo que esta elevação está fechada, em parte, pela natureza, em parte pelo trabalho do homem.

¹ Nesta região falla-se mirandês; as expressões *Ribeirica* e *Rigueiro de la Quintanica* são mirandesas.

Não ha dúvida que temos aqui um castro; o proprio nome *Castrilhouço* o indica¹. Veja-se a fig. 6.^a

Por todo o castro encontrámos ossos antigos de animaes, e grande quantidade de fragmentos ceramicos, muitos d'elles analogos aos que

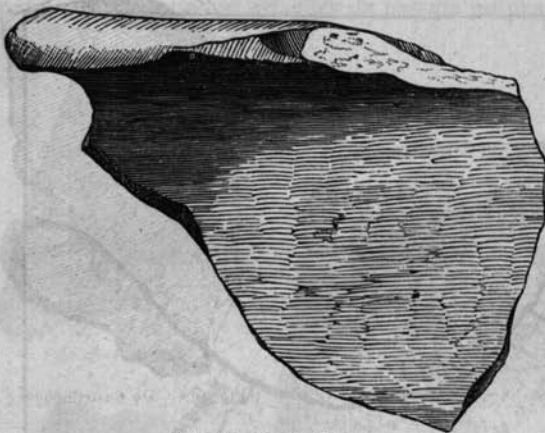


Fig. 7.ª — Do Castrilhouço

apparecem na estação do Raio, outros menos informes que os d'esta estação. Nas figs. 7.^a, 8.^a (em tamanho natural) e 9.^a (quasi do tamanho natural) re-

presentam-se bordos de vasos finos, um com a curva bastante pronunciada, outro um pouco menos, e outro ainda menos; na fig. 10.^a representa-se

($\frac{1}{2}$ do tamanho natural) um fundo chato de vaso, com um orificio central, que parece denotar que o vaso servia para conter substancias com liquidos que tinham de se escoar lentamente. Além dos citados fragmentos

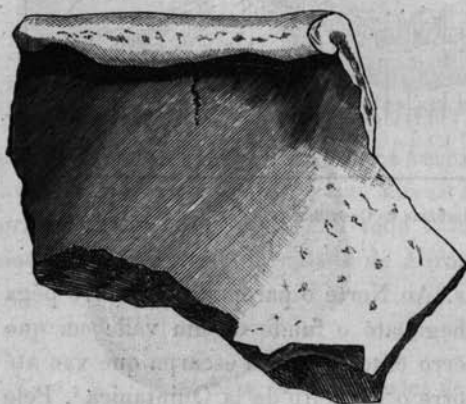


Fig. 8.ª — Do Castrilhouço

ceramicos encontrámos metade de um coeiro de barro, desenhado na fig. 11.^a (tamanho natural), e varios fundos de vasilhas grossas. Todos estes objectos foram fabricados com roda de oleiro.

Tambem encontrámos duas pedras com vestigios de fricção: uma poderá ter servido de mó; outra, gravada na fig. 12.^a, serviu evidentemente de amoladeira por ambos os lados, que estão

muito gastos. É provavel que estes dois objectos pertençam aos tempos prehistoricos, e que a amoladeira o fosse de instrumentos de pedra.

¹ *Castrilhouço* = castr-ilh-ouço.—Tanto o suffixo *-ilho*, que em alguns casos, pelo menos, estará por *-elho* (átono), como o suffixo *-ouço*, se encontram noutras palavras, por ex., *Montilhão* e *Pedrouços*.

Pelo terreno vêm-se covas feitas pelos sonhadores de thesouros, pois crê o povo que ali ha riquezas do tempo da moirama. Todavia

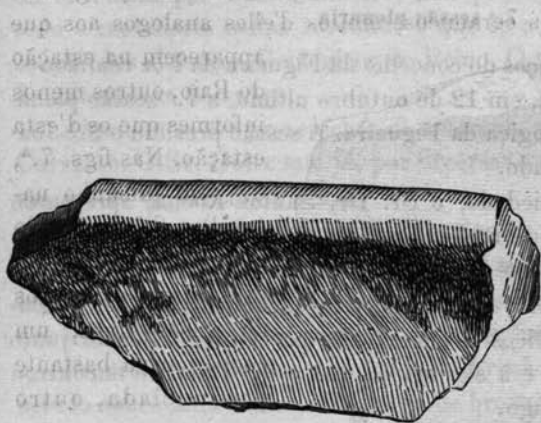


Fig. 9.ª — Do Castrilhouço

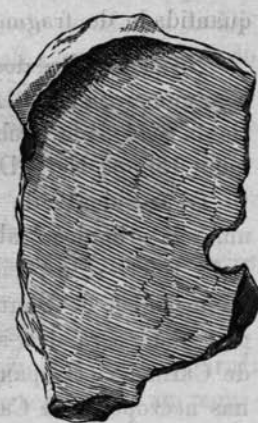


Fig. 10.ª — Do Castrilhouço

a unica riqueza material que lá ha é a seara que o lavrador annualmente recolhe, pois que o interior do castro é cultivavel.



Fig. 11.ª — Do Castrilhouço



Fig. 12.ª — Do Castrilhouço

Consta-me que do lado da Hespanha existem estações archaicas do typo d'esta. O rio Douro ficava assim, nos tempos pre-romanos, ladeado de fortalezas, de cá e de lá¹.

J. L. DE V.

¹ Os desenhos que serviram para as gravuras contidas neste artigo foram feitos sob a direcção do Sr. Jorge Collaço.